



## A GUERRA CIVIL E O PÓS-GUERRA ESPANHOL NA FICÇÃO: O ROMANCE

### *LAS TRECE ROSAS*

Adriana Aparecida de Figueiredo Fiuza<sup>1</sup>

Patrícia Dal'moro Mendes<sup>2</sup>

**RESUMO:** As representações que inter cruzam histórias ficcionais com histórias baseadas em perspectivas reais são comumente percebidas em tramas de cinema e literatura. *Las trece rosas*, romance (2003), possui a presença da história em sua composição ficcional. Nosso trabalho objetiva apontar os aspectos históricos encontrados na obra, analisar e refletir sobre a história e as memórias contidas no romance, especificamente, na forma como as narrativas configuram as personagens conhecidas como as treze rosas e respectivamente os acontecimentos históricos que acarretaram na prisão e na morte das protagonistas. Analisamos aspectos relacionados às personagens históricas nas quais a obra é baseada e nos acontecimentos históricos da época ligados às protagonistas. Nossas exposições e análises foram elaboradas a partir de estudos bibliográficos, considerando contexto histórico de Guerra (1936-1939) e pós-guerra Civil Espanhola (1939-1975). Percebemos, por meio das pesquisas destinadas a este trabalho, que a história e as memórias de uma nação são importantes para o desenvolvimento de uma identidade social e podem proporcionar às artes uma nova forma de compor as ficções. As treze rosas representam as vozes femininas e anônimas das vítimas do regime imposto, portanto, recuperar estas vozes é buscar a identidade perdida no passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Espanhola, Guerra Civil Espanhola, *Las trece rosas*.

**RESUMEN:** Las representaciones que inter cruzan historias ficcionales con historias basadas en perspectivas reales son comúnmente encontradas en argumentos de cine y literatura. *Las trece rosas*, novela publicada en 2003, posee la presencia de la historia en su composición ficcional. Nuestro trabajo objetiva el lineamiento de los aspectos históricos percibidos en la obra, el análisis y la reflexión sobre la historia y las memorias presentes en la novela, específicamente, la manera como se configuran los personajes conocidos como las trece rosas y, respectivamente, los hechos históricos que culminaron con el encarcelamiento y la muerte de las protagonistas. Así, analizamos aspectos relacionados con los personajes históricos que embasan la obra y los hechos históricos pendientes de las protagonistas. Nuestras exposiciones y análisis se elaboraron a partir de estudios bibliográficos considerando el contexto histórico de la Guerra Civil (1936-1939) y del

<sup>1</sup> Professora/Orientadora: Professora Adjunta do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Coordenadora do Colegiado de Letras, Unioeste, Cascavel, e-mail: adriana@unioeste.br.

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano de Letras – Português/Espanhol, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE- e bolsista do PIBIC/UNIOESTE, e-mail: patricia\_d.mendes@hotmail.com.



posguerra (1939-1975). Observamos que la historia y las memorias de una nación son importantes para el desarrollo de una identidad social y pueden proporcionar a las artes una nueva manera de componer las ficciones. Las trece rosas representan la voces femeninas y anónimas de las víctimas del regimen impuesto, por tanto, recuperar a estas voces es buscar la identidad perdida en el pasado.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura Española, Guerra Civil Española, *Las trece rosas*

## INTRODUÇÃO

*Las trece rosas* (2003), romance de Jesús Ferrero é a obra que selecionamos como *corpus* para este estudo. Nessa narrativa encontramos aspectos históricos que nos remetem ao período do pós-guerra espanhol, por isso, será verificado em que medida se fazem presentes a história e as memórias tanto da Guerra Civil (1936-1939) quanto do pós-guerra (1939-1975) espanhol.

No caso do romance *Las trece rosas*, o estudo torna-se essencial para a busca da identidade do povo espanhol, uma vez que a ficção tenta reconstruir a história e as memórias femininas do antifranquismo. Compreendemos que obras que possuem aspectos históricos são relevantes para a literatura de forma geral, uma vez que tanto a história quanto a literatura são matérias oriundas do processo narrativo. Assim sendo, podemos compreender a história e suas múltiplas versões quando esta se faz presente na ficção.

O gênero romance histórico contribui para que a história e a memória tornem-se conhecidas pela sociedade contemporânea. O romance histórico, segundo Nora (1981), tem uma nova relação com o passado, nascendo quase que simultaneamente com a morte da “história-memória e da história-ficção” (NORA, 1981, p. 28). O romance histórico, ainda de acordo com o autor, revitaliza a literatura com histórias da realidade histórica conjuntamente com novos relatos ficcionais, em outras palavras, na ficção histórica há uma mistura de fatos reais e ficção.



## A HISTÓRIA ESPANHOLA RECONTADA POR MEIO DA FICÇÃO

Para verificarmos as características históricas do pós-guerra espanhol é necessário uma breve exposição dos acontecimentos mais marcantes desse período e de seu antecessor. Por esse motivo, apresentamos, neste tópico, alguns eventos importantes da história espanhola.

Ao efetuarmos pesquisas sobre a história contemporânea da Espanha podemos perceber que ela é marcada por grandes acontecimentos que ecoam até hoje em seu contexto social. Estes acontecimentos podem ser configurados em dois períodos do século XX, o primeiro deles foi a Guerra Civil, de acordo com Martin Blinkhorn (1994), ocorrida entre 1936 e 1939; o segundo constitui-se pelo pós-guerra e pela ditadura franquista, entre 1939 e 1975.

O início da Guerra Civil deu-se por diversos fatores sociais e políticos em uma sucessão de desordens que foram se estendendo até o início oficial da guerra, no ano de 1936. Durante o conflito fratricida, segundo Blinkhorn (1994), morreram centenas de pessoas vítimas da violência gerada entre republicanos e aliados anti-nacionalistas e nacionalistas e aliados anti-republicanos, em virtude da dominação dos territórios espanhóis.

O envolvimento estrangeiro, de acordo com o autor, foi um dos grandes motivos que levaram à longa duração da Guerra Civil Espanhola, a ajuda de alguns países foi essencial para a não-derrota imediata dos nacionalistas e, também, para a reestruturação militar dos partidos aliados aos republicanos na metade da guerra. Em relação ao envolvimento estrangeiro Martin Blinkhorn (1994) demonstra que do lado dos nacionalistas estavam os alemães e italianos e do lado dos republicanos a União Soviética. Para Blinkhorn, esse “intrometimento” por parte de outros países só não foi maior devido a um acordo de não-intervenção estabelecido pela maioria dos países. No auge da Guerra Civil, segundo o autor, a Espanha estava claramente dividida em duas. A conclusão da guerra deu-se com a vitória dos nacionalistas, devido a sua parceria, quase que inabalável,



com Hitler e Mussolini. Aspectos do contexto histórico do período posterior à guerra e das jovens conhecidas como treze rosas serão abordados na próxima subdivisão.

### **Contexto histórico do pós-guerra e das personagens conhecidas como as treze rosas**

Neste tópico, apresentamos como foi o contexto histórico do pós-guerra espanhol e das protagonistas da obra *Las trece rosas*. Para essa exposição utilizamos como teoria base a obra *Trece Rosas Rojas: testimonios de la Guerra Civil* (2005), de Carlos Fonseca, que servirá para traçar um paralelo com a obra de ficção de Jesús Ferrero (2003).

De acordo com Fonseca (2005, p. 137), após o término da Guerra Civil Espanhola, os nacionalistas estavam fazendo o contrário do que haviam proposto em sua vitória sobre os republicanos e aliados, isto é, puniam aqueles que de alguma forma ajudaram ou que ainda estivessem ajudando aqueles que eram contrários aos seus ideais. Corroborando as informações históricas de Carlos Fonseca (2005) sobre o regime imposto por Franco e as repressões, Stanley G. Payne (2007) afirma que,

El régimen había llegado al poder como resultado de una violencia prolongada que, en especial en sus primeros años, se basó en una coacción extremada, con el fin de mantener bajo control a sus enemigos declarados. (PAYNE, 2007, p. 109)

Fonseca (2005, p. 45) comenta que, as pessoas passaram a ser obrigadas a demonstrar seu acatamento ao governo imposto, principalmente, em locais públicos e quem parecesse contrário, nem precisava ser efetivamente, sofria torturas e até mesmo poderia ser morto pelas tropas franquistas. Com isso, muitos espanhóis que não partilhavam dos ideais nacionalistas procuraram abrigo em outros países, para tentar salvar suas vidas e as de seus familiares.

Carlos Fonseca (2005, p. 23) expõe que as treze rosas, assim como outros jovens, queriam mostrar para a população o que estava ocorrendo com a instauração do governo de Franco na Espanha. Porém, quem não concordava com as posturas e ideias republicanas tinha uma péssima reputação para aqueles que concordavam com o governo imposto. O



autor revela que as mulheres que eram contra o regime nacionalista, pelo fato de serem consideradas inferiores, eram vistas de modo pior ainda, já que deveriam se submeter à vontade dos homens e não quererem ser revolucionárias. As mulheres tinham um papel na sociedade que era o de servir aos homens e não deveriam, de nenhuma forma, reivindicar direitos ou ir contra posturas masculinas.

Por meio das exposições feitas pelo autor e jornalista, percebemos que qualquer pessoa que andava na rua poderia ser confundida com um republicano ou aliado e ter que prestar depoimentos, que na maioria dos casos eram penosos, nos postos policiais. Caso o acusado não conseguisse demonstrar que não tinha qualquer vínculo com os republicanos era submetido a mais torturas até que desse alguma informação ou até que resolvessem prendê-lo. Por esse motivo, de acordo com Fonseca (2005, p. 79), vizinhos e pessoas próximas começaram a denunciar aqueles que poderiam ter alguma proximidade com os republicanos, para assim evitar serem considerados cúmplices e sofrerem algum tipo de represália. Poucas pessoas continuavam a ter contato com famílias de republicanos ou de seus aliados, já que isso poderia resultar em convivência com o que, no momento, era considerado crime contra o novo Estado. Portanto, conforme afirma Maria Corredera González (2006, p. 26), *“los vencidos fueron condenados así a la marginación y al silencio.”*. Compreende-se que, ações mínimas poderiam levar os espanhóis à prisão com o novo Estado, atitudes banais e, até mesmo, involuntárias poderiam ser consideradas crimes. Corredera González (2006, p. 24) aponta que *“encarcelados y torturados antes de ser acusados eran víctimas de procesos irregulares en tribunales ilegítimos, que les condenaba no por la justificación de los hechos, sino por la sospecha.”*. Em outras palavras, não era necessária a comprovação de que alguém fosse realmente contra o governo para que este fosse preso, torturado e/ou morto.

Fonseca (2005, p. 137) explica que o modo como os espanhóis, principalmente os republicanos e antinacionalistas, eram tratados pelo novo governo não condizia com o que estava sendo pregado pelo Estado, ou seja, ao invés de terem o perdão prometido, os republicanos eram castigados pelos vencedores. Segundo Fonseca (2005, p. 33), o governo instaurado se contradizia à própria promessa de ser piedoso com os vencidos, iniciando uma busca incessante por pessoas que, em algum momento ou de alguma forma, pudessem



ter facilitado a vida daqueles que eram dos partidos contrários ao governo. Os castigos executados aos chamados vencidos eram violentos e, na maioria das vezes, fatais, para que os supostos criminosos fossem extintos e não mais prejudicassem o novo governo. Confirmando essa exposição, Payne (2007, p. 109) afirma que, “[...] *la terminación de la guerra civil no puso fin a la represión, sino que facilitó una más eficaz sistemización de ella.*”. Em outras palavras, ao invés de acabar as repressões contra os republicanos juntamente com o término da guerra se iniciou uma busca por eles, como se fossem criminosos que deveriam saldar seus crimes. Os castigos eram os mais variados, “*estas incluían la restricción parcial o total de ejercer actividades personales, y varias categorías de limitación de residencia, que iban de la expulsión del país al destierro dentro de España, al destierro a las colonias africanas, o al arresto domiciliario.*” (PAYNE, 2007, p. 111).

As treze jovens que deram embasamento à configuração das protagonistas da obra literária e da fílmica, objetos de estudo desse trabalho, foram presas, acusadas de estarem planejando atos contra o General Franco, no dia de sua marcha de vitória. Na prisão, elas sofreram torturas e violências, para que dessem algum tipo de informação sobre os partidos ligados aos republicanos ou ao próprio partido republicano. Após darem seus depoimentos, as moças foram encaminhadas para a penitenciária. Todas foram para a “*Cárcel de Ventas*”, penitenciária situada em Madri, a qual recebia mulheres presas e, quando necessário, os filhos pequenos das mesmas.

Na prisão, de acordo com Carlos Fonseca (2005, p. 136), as presidiárias, com o intuito de diminuir todo o sofrimento que estavam sentindo, procuravam encontrar meios para se distrair, uma das formas era inventar músicas referente ao cotidiano ou à estrutura da penitenciária em que estavam. Com relação a isso, o autor explica que “*la tragedia vital de aquellas mujeres no les impidió que, en tono de burla de su propia situación, escribieran una canción que ellas mismas salmodiaban como si fuera un conjuro*” (FONSECA, 2005, p. 136). Uma das canções elaboradas pelas treze rosas, expostas no livro de Carlos Fonseca (2005), é a seguinte:

*Cárcel de Ventas  
hotel maravilloso  
donde se come  
y se vive a tó confort,*



*donde no hay  
ni cama, ni reposo  
y en los infiernos  
se está mucho mejor.  
Hay colas hasta en los retretes  
rico cemento dan por pan,  
lentejas, único alimento,  
un plato al día te darán.  
Lajoso baldosín  
tenemos por colchón  
y al despertar tenemos  
deshecho un rincón. (FONSECA, 2005, p.136-137).*

Observamos que as músicas possuíam um teor irônico, já que, segundo as informações repassadas por Fonseca (2005), as condições precárias eram a realidade vivida pelas mulheres que lá estavam aprisionadas. As crianças que viviam com suas mães na prisão também sofriam, principalmente, de fome e doenças pelos maus cuidados destinados a elas. Muitas delas acabavam morrendo. Ainda de acordo com o autor, as prisioneiras de Ventas poderiam ter privilégios caso contassem planos ou delatassem pessoas que iam contra os ideais nacionalistas. Fonseca (2005) revela que,

*en el otro extremo de la vida carcelaria estaban las reclusas consideradas de confianza, que disfrutaban de un régimen más atenuado. Una de ellas era Pilar Parras, aunque en su caso no porque hubiera delatado a nadie, sino por su amistad con Carmen Castro, la directora. (FONSECA, 2005, p. 141).*

Depois de um tempo, as jovens foram julgadas, juntamente com alguns homens e outras mulheres. A pena sentenciada para a maioria foi execução por fuzilamento. O nome das condenadas eram: Avelina, Joaquina, Pilar, Blanca, Ana, Julia, Virtudes, Elena, Victoria, Dionisia, Luisa, Carmen e Martina. Quando as mulheres voltaram à prisão, foi uma celebração do adeus, todas as presas ficaram chocadas, pois até menores de idade haviam sido condenadas à morte, situação que antes era considerada como um seguro de vida. A ansiedade, a angústia e a loucura se apoderaram de todas. Algumas escreveram pedidos de indulto, porém os pedidos foram em vão. O tempo em que as condenadas permaneceram foi um tormento, principalmente nas noites em que se davam os fuzilamentos, já que o



local das execuções era próximo ao presídio, tornando os disparos audíveis. O fato das prisioneiras escutarem os fuzilamentos – destino da maioria – fazia com que os sentimentos de sofrimento e espera se tornassem maiores. Fonseca (2005) comenta que as reclusas, com o intuito de amenizar o pavor e o sentimento de desespero pela ideia de que poderiam morrer, chamavam a morte de “pepa”: *“la <<pepa>>, la pena de muerte, se convirtió en compañera habitual de aquellas mujeres, cuya única certeza era saber que había dos días vedados a la misma: los domingos, por ser jornada de descanso, y los viernes, día de la pasión de Cristo.”* (FONSECA, 2005, p. 143).

De acordo com Fonseca (2005, p. 141), com as execuções de prisioneiros que faziam parte do grupo dos vencidos, a farsa de que poderia haver piedade e/ou perdão estava acabada e as consequências para com aqueles que eram, ou tinham alguma ligação com os que de fato fossem, contra o governo, tornaram-se mais temidas. Mesmo com o término da farsa de piedade, o governo buscava mascarar a quantidade de pessoas que eram castigadas e/ou a forma que isso era feito. Fonseca (2005, p. 184-186) revela que as execuções que eram divulgadas, normalmente em menor número, passavam por um processo de disfarce, já que o motivo real não era divulgado. Apesar das publicações inverossímeis, o governo continuava a divulgar as mortes, as quais serviam para exemplificar o que ocorreria com aqueles que se posicionassem a favor dos vencidos ou contra o novo Estado.

O cemitério, “*Cementerio de la Almudena*”, onde ocorriam os fuzilamentos foi um símbolo da guerra contra aqueles que “cometiam crimes” contra a ditadura de Franco. As execuções ocorridas no local também marcaram muito a vida das presidiárias da “*Cárcel de Ventas*”, como explica Carlos Fonseca (2005, p. 142): *“la escasa distancia que mediaba entre la cárcel de Ventas y el camposanto hacía que las descargas fueran perfectamente audibles desde las celdas.”*. As execuções para repreender aqueles que não se mostravam favoráveis ao governo começou no mesmo ano em que a Guerra Civil oficial havia terminado, em 1939. Fonseca (2005) complementa essa informação dizendo que, *“los fusilamientos en el cementerio del Este se iniciaron el 6 de mayo y fueron especialmente intensos durante el mes de junio, durante el cual fueron fusiladas más de doscientas personas.”* (FONSECA, 2005, p. 142). O autor e jornalista acrescenta





a informação de que, o muro do cemitério foi até o ano de 1944 local das execuções dos adversários do General Franco (FONSECA, 2005). Porém, segundo Payne (2007, p. 112), “*las ejecuciones continuaron, aunque a ritmo decreciente, hasta 1945 incluido.*”.

Por meio das exposições acima, conclui-se que os períodos de guerra e pós-guerra na Espanha causaram uma sucessão de sofrimentos com as incontáveis mortes, exílios e violências. Circunstâncias que auxiliam na explicação do pacto do silenciamento assumido pela sociedade espanhola nos anos posteriores sobre os períodos citados acima. Abordaremos os aspectos pertinentes a esse pacto no tópico seguinte, objetivando demonstrar o que foi a denominada “amnésia” espanhola e quais as consequências para a sociedade espanhola.

### **O pacto do esquecimento da sociedade espanhola como consequência da guerra**

Após o período que vai do início da Guerra Civil até o fim da ditadura de Franco (1939-1975), época também marcada por extrema violência, desaparecimentos de pessoas e mortes, em decorrência da repressão franquista, a Espanha passou por uma fase de “amnésia coletiva”, que se traduziu no silenciamento da sociedade. Neste contexto, as pessoas procuraram evitar temas que envolvessem a guerra. De acordo com Mercedes Juliá (2006), as pessoas não tratavam do tema nem para seus filhos e netos, com medo de repressão e para evitar a lembrança do sofrimento vivido causado na época. Segundo José María Izquierdo (2003, p. 02), “*ese pacto entre la derecha y la izquierda tradicionales de la época produjo lo que se ha denominado: amnesia de la Transición. O lo que es lo mismo: ‘hay que olvidar el pasado, yo olvido mis muertos y tú olvidas los tuyos’*”.

A partir da década de 1990 é que os fatos “esquecidos” começaram a ser debatidos com mais constância na sociedade. Esse fato se confirma com as inúmeras publicações literárias e fílmicas que passaram a rememorar o período da guerra e do pós-guerra, a exemplo do romance *La voz dormida* (2002) de Dulce Chacón e do filme *El Laberinto del Fauno* (2006) de Guillermo del Toro, entre outros. Mercedes Juliá ao tratar sobre a recuperação da memória histórica nas ficções Beatus Ille (1986), *El jinete polaco* (1991) e *El*



*dueño del secreto* (1994) utiliza-se de uma citação de Antonio Elorza para certificar que “*a finales de los noventa aparecieron algunos libros, artículos y numerosos debates en los periódicos y en televisión española sobre el tema de la amnesia histórica.*” (apud JULIÁ, 2006, p. 169). Com isso, houve uma retomada das memórias da guerra a partir do interesse dos descendentes em buscar sua identidade no passado recente.

Com a crescente demanda de obras literárias e fílmicas que se ocupassem de temas históricos sobre a Espanha, percebemos a necessidade de superar fatos antes “esquecidos”, como salienta Ana María Iglesias Botrán (2009, p. 05): “*así la proliferación de novelas y de películas que tratan los temas de la guerra y la posguerra puede significar en la sociedad actual española una forma de superación del trauma tras el silencio doloroso que duró décadas.*”

A busca por ficções que abordassem fatos que no passado foram “esquecidos” remete à importância que a literatura, o cinema e outros meios de comunicação possuem na reconstrução da memória e da história da sociedade espanhola. Segundo Bernecker (2011, p. 71), “*cada generación se crea las memorias que necesita para formar su identidad. Cada imagen del pasado tiene una relación con el presente*”. Quando um cineasta e um autor literário procuram abordar fatos que fazem parte da realidade e da memória de uma sociedade é necessário que os sentimentos humanos sejam representados de forma que possam ser percebido pelo leitor ou pelo espectador, como afirma Ismael Xavier (2005, p. 71) “[...] *a representação artística que abraça o real deve justamente expressar tais aflições e incertezas universais, encarnadas em cada indivíduo em sua luta diária.*”

Por meio da publicação de inúmeras obras de ficção inter cruzadas com aspectos da Guerra e da pós-guerra espanhola percebemos que a “amnésia” difundida foi somente um adiamento da exposição das inúmeras versões da história que a época citada carrega. Observamos que a obra *Las trece rosas* é uma representação que contem características históricas e de memória na sua forma de abordagem aos eventos históricos inseridos na trama. Por esse motivo, no próximo tópico analisaremos quais e como estes aspectos do romance são expostos.



### A história da Guerra Civil na ficção *Las trece rosas*

As memórias da Guerra Civil Espanhola podem ser encontradas em diversas obras de ficção da literatura e do cinema espanhol contemporâneo, a exemplo de *Soldados de Salamina* (2001) de Javier Cercas, *¿Qué me quieres, amor?* (1995), de Manuel Rivas, *Autobiografía del general Franco* (1992), de Manuel Vázquez Montalbán, entre outras. Nestas narrativas os fatos históricos ocorridos neste período costumam dividir espaço com outras histórias da ficção, promovendo uma interrelação entre literatura e história e, por sua vez, um questionamento sobre o passado recente e o presente da sociedade espanhola. Antonio Gómez López-Quiñones, ao tratar sobre aspectos reais retratados nas ficções, comenta que “esta verdad histórica no se trata, sin embargo, de una (sic) modelo absoluto y autosuficiente de verdad.” (LÓPEZ-QUIÑONES, 2006, p. 99). Esse apontamento corrobora a compreensão de que o fato de uma ficção trazer em sua trama histórias baseadas em fatos reais e memórias de uma sociedade ou individuais não significa que haja uma única e verdadeira história sobre os acontecimentos do passado, mas sim que este possui versões variadas de acordo com a ideologia que se quer retratar.

O romance *Las trece rosas* (2003), escrito por Jesús Ferrero, é baseado em um período histórico espanhol ocorrido depois da Guerra Civil Espanhola. Conta a história de treze jovens mulheres que lutavam contra o regime fascista, instaurado na Espanha na época de pós guerra (1939-1975). De acordo com a narrativa literária e a narrativa fílmica, a personagem Blanca é uma exceção, pois não se posicionava contrária ao governo, o motivo dela ter sido presa foi por ter dado dinheiro ao amigo de seu marido, esse amigo participava ativamente de um partido anti-nacionalista. As trece rosas, como são chamadas na Espanha, também ficaram conhecidas como *las menores*, devido a pouca idade que tinham quando foram encarceradas e fuziladas.

Por meio do relato literário, observa-se que o país estava passando por inúmeras dificuldades no pós-guerra, devido às destruições ocorridas nos tempos de guerra e ao abandono por parte das autoridades estatais. A precariedade demonstrada era, principalmente, econômica. No romance, os problemas enfrentados pela nação são



sintetizados em um trecho que descreve Madri: “*muros ennegrecidos bajo penumbras más densas que el rencor, niños pedigüeños, olor a miseria...*”. (FERRERO, 2003, p. 09). Devido a tantos problemas enfrentados pela nação espanhola, segundo a obra, as jovens tentavam mobilizar o povo para se libertarem e combaterem o sistema ditatorial, imposto pelo governante daquele momento, situação que causou a fúria das autoridades ligadas ao governo. As treze mulheres foram perseguidas, como exemplifica o seguinte trecho: “*-Por qué vas tan deprisa? - preguntó Lola. -Creo que nos siguen dos policías – dijo Joaquina [...]*” (FERRERO, 2003, p. 13), detidas, acusadas de estarem planejando um atentado contra Franco no dia do desfile de sua vitória na conquista do poder. Cada uma delas foi interrogada e torturada, com o objetivo de confessarem seus propósitos políticos. Em um trecho do romance o narrador relata um momento de violência cometido pelos interrogadores: “*inesperadamente el hombre le dio un tortazo en la cara que a punto estuvo de derribarla.*” (FERRERO, 2003, p. 16). Essa situação nos leva a inferir que as decisões do governo imposto na época foram demasiadamente radicais, no que concerne ao modo de agir com aqueles que não faziam parte dos nacionalistas e aliados. Há circunstâncias representadas no romance que denotam que as mulheres detidas, em sua maioria, também sofriam abusos de caráter sexual. Sobre esse ponto, podemos exemplificar com uma cena em que Julia está em uma sala, local em que deveria ser interrogada, e o homem que presta o papel de interrogá-la ordena que a jovem tire as roupas, a moça fica nua e ele a apalpa. Ambas as obras retratam a violência sofrida por aqueles que tinham opiniões distintas às do governo de Franco e como essas pessoas eram arrancadas de suas famílias.

Na penitenciária, as treze se encontraram e acabaram criando um vínculo emocional muito forte, o que as ajudou a enfrentar as situações que elas haviam sofrido e que ainda sofreriam devido às suas escolhas ideológicas. Apesar de estarem aprisionadas elas não abandonaram seus ideais.

Antes de suas penas de morte serem executadas, elas passaram aflitas cada instante no cárcere a espera do momento em que seriam beneficiadas com a clemência pregada pelo novo governo ou mortas. Observamos, nas narrações literária e fílmica, que o sentimento de insanidade se apoderava das presas, um exemplo do romance descreve o que as próprias



presidiárias achavam estar sentindo: *“debe de ser la locura, que estalla en un instante y para siempre.”* (FERRERO, 2003, p. 102). Diversas vezes no meio da madrugada, enquanto todas estão em sono profundo, ouviam tiros pertencentes ao fuzilamento daqueles que eram condenados à morte e ficavam mais aterrorizadas. Os pedidos de misericórdia não haviam sido respondidos, porém havia chegado o dia em que a sentença seria executada. Observa-se que esse momento é recebido pelas treze rosas com muito sofrimento e assombro. Há um fragmento que se demonstra a indignação de uma das jovens ao receber a notícia de que seria fuzilada, sem ao menos receber resposta sobre seu pedido, *“¡No es posible! ¡Pero si aún no ha constestado Franco...!”* (FERRERO, 2003, p. 75).

Antes do momento fatídico, as jovens se arrumaram e foram levadas à capela do presídio. Como exemplo, um fragmento que relata esse momento: *“Virtudes ya estaba vestida cuando, tambaleándose, se giró hacia las otras muchachas y, antes de dirigirse a la capilla, las miró.”* (FERRERO, 2003, p. 75). Há a descrição detalhada sobre o que ocorreu no local. Lá elas puderam se despedir de outras presas e depois conversarem entre si. O relato dos momentos derradeiros das moças é muito intenso e angustiante, pois, a todo o momento, são descritos os sentimentos das jovens condenadas, a sua longa e ao mesmo tempo curta espera, os seus conflitos interiores e, também, exteriores. Nos trecho a seguir, podem ser percebidas as emoções das jovens: *“de la fase de la inmovilidad pasaron a la de la agitación [...]”* (FERRERO, 2003, p. 81), *“[...] parecía poseída por una angustiosa gravedad [...]”* (FERRERO, 2003, p. 81), *“hubo risas histéricas.”* (FERRERO, 2003, p. 82), outros inúmeros fragmentos procuram revelar o turbilhão de sentimentos que as jovens estavam sentindo nos momentos que antecediam o fuzilamento. Em outras descrições e diálogos, nota-se que algumas delas estavam com medo que seus nomes não fossem lembrados ao longo da história que procuraram construir, outras estavam preocupadas com os entes queridos, outras confusas sobre o que poderiam ter feito para evitar a morte e outras ainda esperançosas pelo indulto. Ambas as obras conseguem transpassar a confusão de sentimentos que as moças sentiam nos momentos antecedentes às suas mortes e como o tempo, mesmo escasso, demorava a passar.



Todas estavam desesperadas e suas conversas logo se transformavam em discussões. Um padre chegou à capela e pediu para que se confessassem e se arrependessem do que fizeram, porém elas não quiseram, disseram que não tinham do que se arrepender, somente Blanca atendeu ao pedido do sacerdote, com medo que pudessem colocar a falta de confissão dela como um empecilho no futuro do seu filho, já que a religião era vista como algo fundamental para a boa relação com o governo instaurado. As treze puderam escrever cartas<sup>3</sup> para os familiares despedindo-se. Percebemos, pela forma que foi narrado, que elas tentaram colocar todas suas emoções no que estavam escrevendo. As cartas escritas por elas são, atualmente, uma forma de recuperação da memória, uma vez que representam fatos de pessoas que fizeram parte da construção da história espanhola. Uma das frases mais marcantes escrita por uma das jovens em uma carta expõe que ela não quer ser apagada da história,

De cuantas misivas escribieron, breves, sencillas e impregnadas de tristeza, la que se popularizó enseguida fue la de Julia, quizá porque sus dos últimas frases, escritas bajo la firma y a modo de posdata, encerraban una paradoja, pues a la vez que exigía que no la llorasen, pedía, explícitamente, que su nombre no se borrara de la historia. (FERRERO, 2003, p. 95).

Depois das cartas, elas fizeram um testamento, deixando seus pertences pessoais às amigas do presídio ou a algum familiar.

Após uma espera angustiante, as moças foram levadas ao local em que seriam fuziladas, pelo trajeto se abraçaram, se despediram, deram-se as mãos e, durante o fuzilamento, permaneceram juntas e morreram unidas. O pedido de clemência negado foi entregue no presídio dias depois do fuzilamento.

O “*Cementerio de la Almudena*” e a “*Cárcel de Ventas*”, representados por *Las trece rosas*, são símbolos da história e da memória espanhola, pois evocam lembranças individuais e coletivas sobre à época do pós-guerra e de pessoas que viveram naquele momento marcante.

---

<sup>3</sup> As cartas originais escritas pelas jovens podem ser encontradas no livro *Trece Rosas Rojas: Testimonios de la Guerra Civil* (2005), escrito pelo autor e jornalista Carlos Fonseca.



Percebemos que, mesmo depois da morte das treze rosas, os familiares e amigos das moças não as esqueceram e procuravam levar, a todo momento e lugar, a lembrança delas consigo. O filme termina mostrando o filho de Blanca, uma das executadas, recebendo e lendo a carta escrita por sua mãe nos momentos finais de vida.

Esse romance relata as memórias de pessoas que possuíam algum tipo de relação com o momento histórico do pós-guerra civil. Conforme Rogério Miguel Puga (2006), especificamente sobre o gênero romance histórico, mesmo apresentando em sua maioria fatos ficcionais não pode ser considerado como escritos historiográficos que tem como objetivo a retratação e a conservação da história. Porém, podem, de alguma forma, recuperar as memórias contidas na sociedade que viveu determinado fato histórico. Segundo Puga (2006),

O romance histórico leva-nos ainda a questionar as formas como o discurso em geral cria ou representa a realidade e de que forma esta serve de referente a discursos ficcionais, podendo ambos ser parodiados na teia de significados da ficção. (PUGA, 2006, p. 81)

A partir dessa afirmação, infere-se que a história pode ser vista e recontada de diversas maneiras, não havendo somente uma história verdadeira sobre a realidade. Essas várias versões, por sua vez, podem ser base para novas representações ao serem construídas em conjunto com a ficção. Na obra literária *Las trece rosas* também ocorre o encontro entre versões históricas sobre personagem e fatos reais e representações ficcionais.

## CONCLUSÕES

*Las trece rosas* demonstra uma reflexão mais crítica acerca dos acontecimentos da época do pós-guerra. Esse rememoração, mesmo que efetuada pela ficção, auxilia na compreensão do passado de uma nação e faz indagar o que pode ser feito no futuro, para que equívocos antigos não se repitam. No desenvolvimento desse trabalho pudemos atentar que a história e a memória possuem grande participação nas produções artísticas. O



conjunto constituído pela ficção, pela história e pela memória promovem um intercruzamento de fatos, reais e fictícios, que possibilitam suscitar, no leitor e no expectador, uma nova história, que recupera as memórias dos esquecidos, como foi o caso das treze rosas. A rememoração das personagens treze rosas revela a importância que elas e seus atos tiveram na luta antifranquista para a sociedade espanhola. Concluímos que esse trabalho pode trazer reflexões pertinentes para o estudo de ficções que abordam características históricas, já que a rememoração de aspectos históricos pode auxiliar nas reflexões sobre a formação de uma identidade social, mesmo que estes sejam apresentados concomitantemente com relatos fictícios.

## REFERÊNCIAS

BERNECKER, Walther L. El debate sobre las memorias históricas en la vida política española. In: REINSTÄDLER, Janett (Ed.). *Escribir después de la dictadura – La producción literaria y cultural en las posdictaduras de Europa e Hispanoamérica*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2011. p. 63-96.

BLINKHORN, Martin. *A Guerra Civil Espanhola*. São Paulo: Ática, 1994.

CORREDERA GONZÁLEZ, María. El silencio de los vencidos. In: \_\_\_\_\_. *La guerra civil española en la novela actual: silencio y diálogo entre generaciones*. Iberoamericana: Vervut, 2006, p. 23-43.

IGLESIAS BOTRÁN, Ana María. Que mi nombre no se borre de la historia – La transposición intertextual de la novela histórica de la posguerra española al cine: el caso de Las trece rosas. *Aletria: Revista de Estudios de Literatura*. Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 193-214, 2009: Guerra Civil Espanhola Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/poslit/08\\_publicacoes\\_pgs/Aletria%20Número%20Especial%20Guerra%20Civil/11-Ana-Maria-Iglesias.pdf](http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%20Número%20Especial%20Guerra%20Civil/11-Ana-Maria-Iglesias.pdf)> Acesso em: 02 mar. 2012.

IZQUIERDO, José María. *La literatura de la generación del cincuenta en España y la narrativa actual de la memoria*. Universidad de Oslo. Disponível em: <<http://folk.uio.no/jmaria/lund/2003/ponencias/Izquierdo.pdf>> Acesso em: 02 março 2012.

FERRERO, Jesús. *Las trece rosas*. Madrid: Siruela, 2003.





FONSECA, Carlos. *Trece Rosas Rojas: Testimonios de la Guerra Civil*. Madrid: Editora RBA, 2005.

LÓPEZ-QUIÑONES, Antonio Gómez. La guerra extraviada: história y memoria como problemas epistemológicos. In: \_\_\_\_\_. *La guerra persistente: memoria, violencia y utopía: representaciones contemporáneas de la Guerra Civil Española*. Iberoamericana: Vervuert, 2006, p. 33-103.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: PUC/SP (Org.). *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP* (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP. 1981. p. 7-28.

PAYNE, Stanley G. Gobierno y oposición (1939-1969). Tradução Carlos Caranci. In: CARR, Raymond et al. *1939/1975 La época de Franco*. Madrid: Espassa Calpe, 2007, p. 97-181.

PUGA, Rogério Miguel. *O essencial sobre o romance histórico*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2006.

XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: opacidade e transparência*. 3. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.